

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

IDENTIDADE E RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NA MODERNIDADE: UMA INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA

Karolina de Souza da Silva¹; Laurenio Leite Sombra²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: souza.karolina.91@gmail.com
2. Orientador, DCHF – Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lausombra@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: mulher negra, antagonismo, resistência

INTRODUÇÃO Diferentes classes sociais, credos, escolaridades, orientações sexuais... mulheres negras configuram uma vasta diversidade na sociedade em que vivemos. Recordo-me de minha ida a um curso de formação política que acontecerá em Cachoeira-BA anos atrás. De norte a sul, estavam presentes mulheres negras e homens negros de várias localidades do país. Em meio às falas de apresentação, cada qual foi contando um pouco de si e de suas vivências, de como o racismo imperava e atropelava a subjetividade daquele/a que discursava. Até chegar a minha vez de me apresentar, pude perceber um sentimento familiar de “eu sei do que você está falando, porque eu já passei por isso” enquanto ouvia outras mulheres negras. No entanto, nas falas dos homens negros, apesar de compreender estruturalmente o que haviam passado, o sentimento de *sentir na pele* o racismo era diferente. Conhecia inúmeros outros homens negros que haviam passado pelo mesmo que eles, porém não me despertara o mesmo sentimento. E isso não se deu apenas neste momento em particular. Em minhas leituras históricas sobre negras escravizadas durante o período colonial, tive a mesma percepção. Ouvir minha mãe contar sobre as coisas das quais era submetida por ser uma criança negra “apadrinhada” por uma família branca, também. Mas, como podemos, como mulheres negras que somos, sermos afetadas pelas mesmas coisas, ainda que de maneiras distintas e em

momentos distintos no espaço-tempo? O que é essa *coisa* que nos coloca a par de identificação, e principalmente, nos trata com um modo peculiar de uma imperativa interação que apenas nos cabe?

Se nos reconhecemos, e principalmente, se somos reconhecidas como *mulheres negras*, há toda uma construção que precede e nos insere dentro deste contexto. Como se deu a formação desta identidade é crucial para compreendermos como ela foi e como ainda é vista atualmente na Modernidade. Mas o que é essa Modernidade e como ela própria foi construída? Como as identidades foram produzidas nesse meio? Como é possível pensar em superações ao que está posto?

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente) Plano de trabalho articulado com base na pesquisa bibliográfica, utilizando-se do processo de leitura, produção de resumos e fichamentos para que houvesse uma facilitação da compreensão acerca dos temas anteriormente apresentados e dos seus direcionamentos, contribuindo adequadamente para construção do artigo produto do relatório final.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Laurenio Sombra (2015) nos diz que compreender a natureza do “*primata linguístico*” que somos é papel importante para compreender nossa condição no mundo. O fato de sermos animais nos coloca empiricamente a lidar com identificações instintivamente primárias que, no entanto, não conseguem abarcar o infinito de possibilidades que a abstração significativa dos elementos identificáveis proporciona através da linguagem exclusivamente humana. Isto nos faz diferentes dos outros animais. O produto da *protointencionalidade* linguisticamente associada nos afirma diante de uma construção linguística valorativa, onde os signos são organizados perante uma hierarquia e alimentados por uma contínua relação intersubjetiva e social formando o que Sombra chama de *rede de sentidos* (SOMBRA, 2015). Os signos são articulados perante uma intencionalidade e valoração normativamente pertinentes à *rede de sentidos* de que fazem parte, sendo cultivados, negados ou ressignificados conforme a necessidade do fatos, sem isentar inclusive a criação de novos signos ao longo da história. A *rede* articula a forma como vemos o mundo e interagimos com ele.

O campo conceitual dos signos, continuamente alimentado pelas relações e compartilhamentos que a interação prática proporciona nos variados meios, seja epistemologicamente ou culturalmente, podem ainda associar-se coletivamente

numa rede de equivalências consubstancialmente valorativa em uma dada rede de sentidos. Se “mulheres negras” são determinadas como “mulheres negras” e identificadas como tais, o signo “mulheres negras” representa o significado que lhe é pertinente em determinada rede de sentidos, podendo haver uma cadeia de signos constituindo tal “identidade” que é atribuída.

Ao ponto que a normatividade colonial só pode se fazer presente na modernidade quando é subjetivamente internalizada pelos sujeitos modernos e colocada em prática através de suas ações, a transgressão de determinados signos coloniais se dará também por meio da individualidade ativa, que age disputando poder dentro de tal cadeia valorativa. A assimilação da abstração dos signos em uma *rede de sentidos* se dá através da identificação valorativa na ação prática dos sujeitos, visto que a ação contrária nega as identificações preestabelecidas pela rede e promove a ressignificação ou criação de novos signos. Se a rede de sentidos “enseja em si certa normatividade” (SOMBRA, 2015), a prática dos sujeitos incorpora os elementos da rede e enseja com a normatividade a naturalização de seus elementos. Essa naturalização é a calma produzida por uma rede uniforme, sem antagonismos, onde mesmo que haja a dada hierarquia constituinte entre os signos da mesma, os conflitos são inexistentes por conta da assimilação e reprodução completa dos signos e significantes entre todos os sujeitos. No entanto, “seja porque foram formados em culturas diferentes, seja porque não assimilaram determinadas transformações na própria sociedade, seja porque disputam, politicamente, valorações diferentes no mesmo espaço público” (SOMBRA, 2015), sujeitos podem ocupar posições antagônicas ao não compartilharem de uma mesma *rede de sentidos*. É essa alteridade primordial que caracteriza a existência do antagonismo.

As relações antagônicas provocam uma instabilidade na normativa social de uma *rede*, alimentando uma intensa disputa por significação e valoração, seja por meio de enfrentamento ou de negociação. Neste contexto, Sombra nos diz que *redes de sentidos* opostas irão incorporar os signos umas das outras, como recurso necessário para que haja esse enfrentamento ou negociação. O antagonismo apropria *redes* opostas a se reconhecerem, seja para incorporar os elementos contrários valorativamente, seja para negar valores opostos. A reflexividade, intrínseca ao antagonismo, projeta certa nitidez sobre as diferenças entre os elementos da rede, colocando em evidência os posicionamentos hierárquicos dos signos em disputa. Visto que não há mais a normatividade naturalizada, as *redes de sentidos* antagônicas são obrigadas a se reconhecerem por conta de uma alteridade combativa.

A necessidade colonial de diferenciação suscitou novas relações hierarquicamente valorizadas durante a colonização, através da evidência das diferenças fenotípicas dos povos para justificar os avanços da conquista, reforçando e legitimando novas composições históricas de dominação, negação de sujeitos e conhecimentos que estavam para além da imagem dessa identidade imperativa de natureza branco-europeia. A relação entre sujeito/objeto cria uma nova relação de valor: o sujeito que domina e aquilo que é dominado. Tal diferenciação não era (e não é) meramente fenotípica ou geográfica, fundamentava uma relação de poder que ditava o que é humano/não-humano, o que é colonizador/colonizado, o que é sujeito/objeto, o que é explorador/explorado, construindo um novo imaginário de superioridade do homem europeu. a colonização alimentou a construção de uma *rede de sentidos*, com seus signos valorativamente articulados, que permanece hegemonicamente imposta até os dias atuais através da *colonialidade do poder* (QUIJANO, 2005) e a *colonialidade de gênero* (LUGONES, 2014). Foi, e é, uma colonização dos corpos e do imaginário dos povos não-brancos. Os negros sequestrados de África, juntamente com todas as outras identidades não-brancas, foram alocados a um significativo subalterno perante a identidade branca. Ainda hoje os negros continuam tendo sua existência negada socialmente. O período colonial foi crucial para a construção de uma estrutura valorativa que permanece como alicerce da Modernidade, em base de construções identitárias colonialmente atribuídas. As identidades criadas do branco e do não-branco têm ainda atribuições valorativas semelhantes, ainda que os tempos sejam outros. Aos brancos os melhores trabalhos, melhores moradias, melhores estudos... aos não-brancos a negação de si, negação de seus saberes, sua estética, sua cultura, sua vida. É a esse estado de negação que negros e negras são sumariamente alocados até hoje, a ter que negociar sua existência antagônica para requisitar o direito de ser e poder significar a si próprio na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Penso que a mulher negra é, de fato, a representação concreta das relações de opressões da modernidade. Como diz Lélia Gonzalez (1984), o duplo fenômeno do racismo e do sexismo afeta as mulheres negras de forma extremamente particular. Pensar sobre a perspectiva da identidade da mulher negra na modernidade é colocar-se no caminho descolonial de libertação e equidade social, sem deixar-nos fantasiar por uma hierarquia de opressão que age naturalmente e dissociadamente. A figura da mulher negra consegue exprimir como as relações de opressões se articulam de forma indissociável para a

construção de um imaginário de dominação. Esse local particular ao qual apenas mulheres negras são submetidas as colocam perante uma perspectiva peculiar. Peculiar porque é o olhar de quem está de fora de qualquer elemento de direito na mesa do poder para significar sua própria existência, um olhar de fora do poder de ser sujeito. A perspectiva da mulher negra é o olhar da base para o topo da pirâmide, o explícito *sentimento* de como a sociedade, a partir de um imperativo branco, estruturou o maquinário do poder desde a colonização até a modernidade, se utilizando das engrenagens de opressão de raça, classe e gênero; bem como a figura explícita e concreta da *resistência* contra a supremacia branca mundial e sua normativa tentativa de controle.

REFERÊNCIAS

- GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 23-244.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 5a edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LUGONES, Maria. “Rumo a um feminismo descolonial”. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 22 (3), 2014.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad y modernidad-razionalidad”. In: BONILLA, Heráclito (compilador). Los conquistados: 1492 y la población indígena de las Américas. Bogotá, Tercer Mundo Editores, 1992.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SOMBRA, Laurenio Leite. “Identidade dos sujeitos: linguagem, constituição de sentido e valor”. In: Revista Sísifo. Feira de Santana-BA, v. 1, n. 1, 2015.
- SOMBRA, Laurenio Leite. “O ocidente como problema filosófico”. In: Revista Ideação (35) Feira de Santana-BA, 2017.